



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO
O Património Cultural dos Oceanos
Portugal



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA

[10]

OCEANICA

FICHA TÉCNICA

Oceanica – Newsletter da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”, n. 10 (setembro, 2018)

Coordenação editorial
Joana Gaspar de Freitas (IELT)

Equipa de edição
Anabela Gonçalves (IELT)
Carla Veloso (CHAM)
Carolina Vilardouro (IELT)
Diana Barbosa (IHC)
Joana Gaspar de Freitas (IELT)
Ricardo Naito (IEM)

Design e edição fotográfica
Carla Veloso (CHAM)
Ricardo Naito (IEM)

Fotografia da capa
“No Tejo de Chrystal”, Rafael Bordalo Pinheiro. *O Antonio Maria*, 16 de setembro de 1880, p. 301.

Email para o envio de informações, notícias e sugestões de divulgação
oceanheritage.news@fchsh.unl.pt

Website da Cátedra UNESCO
“O Património Cultural dos Oceanos”
www.cham.fchsh.unl.pt/ext/catedra

A FOLIA DAS PRAIAS

Quando a praia se tornou moda passou a ser essencial marcar ali presença na época estival, como forma de exibir um certo *status quo*. O furor social gerado em torno dos banhos de mar parece ter sido fértil em criar situações ridículas e caricatas.

Em Portugal as férias de verão são sinónimo de praia, banhos de mar e sol. Setembro está a terminar e já todos sonhamos com o próximo mergulho. Agora que a época banhar chegou ao fim, recordemos outros tempos em que a praia não era assim tão consensual. Nos séculos XVIII e XIX, a ida para a praia foi alvo de variadas críticas. Os médicos, que aconselhavam os mergulhos no mar por razões terapêuticas, foram os primeiros a apontar o dedo ao mau uso que se fazia da medicação marítima. Vários textos satíricos tratavam de forma jocosa o efeito quase milagroso atribuído aos banhos de água salgada. Estes haviam-se convertido na cura para todas as maleitas, constituindo uma espécie de panaceia universal que “fazia alargar a pele, afugentava todos os herpes, adelgaçava a birra, derretia a cólera, desfazia os humores alporquentos, engordava os tísicos, aplainava os corcundas, promovia o riso, dava agitação aos membros entorpecidos, e curava as faltas de dinheiro” (*A barca dos banhos...*, 1811).

Quando a praia se tornou moda passou a ser essencial marcar ali presença na época estival, como forma de exibir um certo *status quo*. O furor social gerado em torno dos banhos de mar parece ter sido fértil em criar situações ridículas e caricatas. Tomás de Mello Breyner, conde de Maфра, recordava nas suas *Memórias* (1860-80) que, em nome das conveniências e do bom-tom, a sociedade elegante de Lisboa “sujeitava-se voluntariamente a passar a temporada” de verão em “pardieiros alugados numa viela fedorenta de uma vila à beira-mar, cheia de tripas de peixe e, portanto, de moscas. E dentro dessas casas sem despejos, com uma cozinha imunda, com loiça desirmanada e rachada, com seis copos para oito pessoas e xícaras sem asas, viviam durante 3 ou 4 meses do ano famílias habitando no inverno palácios sumptuosos”. Para os setores mais conservadores da sociedade, os banhos eram sinónimo de falta de pudor, libertinagem e leviandade. Em 1786, condenava-se a promiscuidade entre sexos nas estações balneares, onde todos - o moço, o velho, a casada, a viúva, a solteira - se misturavam sem cerimónia. Criticava-se sobretudo o facto de se poderem perceber e vislumbrar certas partes do corpo, como as pernas e os braços, e de as moças exibirem as tranças soltas, avisando-se para os perigos que podiam advir desta “folia das praias” e da moda de ir “ao mar por luxo” (M.M.S., 1861).

Joana Gaspar de Freitas

UMA INVESTIGADORA E A SUA OBRA

Joana Gaspar de Freitas

Investigadora do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, é doutorada em História Contemporânea. Não sendo grande marinheira, porque enjoa com facilidade no mar, tem trabalhado sobre os litorais, esses territórios híbridos entre a terra e o mar, feitos de espuma e areia. Interessa-se pela evolução das praias, os sentimentos que suscitam, os usos que foram tendo, as transformações que sofreram nos últimos séculos e os problemas ambientais gerados pela intervenção humana. Sempre com os pés bem assentes na areia, dedica-se também a outros temas marítimos como, por exemplo, o conhecimento ecológico tradicional das comunidades piscatórias, baleias, sereias e outros monstros marinhos, dunas, tempestades, erosão costeira, alterações climáticas e gestão costeira integrada. Gosta de trabalhar com gente de todas as áreas científicas, porque valoriza as visões plurais. Mas, como boa historiadora, adora o pó dos livros e o prazer de meter as mãos num arquivo à cata daquele papel que passou despercebido e tem a chave do que procura.



▲ Foto: Sérgio Magro Jacinto.

AS PRAIAS DE PORTUGAL

Praia de Pedrouços

Ramalho Ortigão tem no seu famoso livro sobre as praias (1876) um capítulo dedicado às “praias obscuras”, aquelas mais pequenas e pouco frequentadas que, apesar de tudo, podiam ser agradáveis para um dia de banhos em família. Nos dias de hoje, qualquer frequentador habitual do litoral português pensaria que se o ilustre escritor escrevesse sobre Pedrouços incluiria a praia naquele capítulo. Não podia estar mais enganado! Pedrouços tem direito a entrada própria e a três páginas! Naquela época, a praia de Pedrouços era “uma secretaria do Estado ao ar livre”, o destino oficial dos empregados públicos de Lisboa, que sentados à porta das suas casas em cadeiras de vime se entretinham a ler o *Diário do Governo*. A praia, lisa, plana e de areia fina, com mar tranquilo, como o de um lago, era ideal para mulheres, crianças e espíritos enfermiços. A mensagem política de Ortigão é evidente. Como também é a de Rafael Bordalo Pinheiro, em 1881, quando fez a caricatura da temporada de verão nas margens do Tejo, chamando-lhe as “repartições públicas nas praias”. E lá estava Pedrouços cheia de oficiais, chefes de repartição, coronéis, priores e ministros em disponibilidade. Já lá ia o tempo em que as grandes famílias, como a do Marquês da Fronteira e d’Alorna, frequentavam aquela praia, mas essas tinham-se mudado para Cascais, acompanhando os monarcas.

Os banhistas atuais e leitores deste texto ainda se devem estar a interrogar: “Mas Pedrouços tem praia?!”. Teve. Aquela zona mudou bastante: a areia foi substituída por um muro de pedra e betão. Fica mesmo em frente da Fundação Champalimaud. Tudo isto para dizer que, ao contrário do que anunciavam uns versos anónimos de 1861 – “Esta folia das praias / Por certo vem acabar / (...) / Menina, o mar é moda / Como a saia do balão /” –, as praias não passaram de moda, mas algumas deixaram de estar na moda. Foi o caso de Pedrouços.



▲ “As repartições públicas das praias” [pormenor], Rafael Bordalo Pinheiro. *O Antonio Maria*, 29 de setembro de 1891, p. 308.

COMUNICAR O PATRIMÓNIO

MEMORIAMEDIA

O e-Museu MEMORIAMEDIA é um espaço que expõe e partilha vídeos, documentários e estudos sobre o património cultural imaterial. É um projeto que resulta de uma parceria entre a cooperativa Memória Imaterial e o IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição e tem como missão registar, inventariar, preservar e divulgar expressões orais, saberes, celebrações e práticas performativas de comunidades e grupos. O trabalho desta equipa foi reconhecido e acreditado pelo Comité Intergovernamental da UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, em 2013. Embora a maioria do acervo do MEMORIAMEDIA esteja relacionado com o mundo rural, há também material obtido através de recolhas feitas junto de comunidades marítimas, como as de Setúbal, Sesimbra, Peniche, Póvoa do Varzim e Esposende. Os vídeos permitem conhecer os atores, ouvir de viva voz as suas histórias, guardar os seus conselhos e experiências de vida. Os estudos e comentários dos investigadores contextualizam os testemunhos e promovem este património único. Vale a pena ir até lá explorar, a partir de: www.memoriamedia.net

O PATRIMÓNIO DOS OCEANOS PELO MUNDO

Museus marítimos e a consciência pública dos impactos de eventos históricos

Os museus marítimos não são espaços onde apenas se aprende sobre os pormenores de construção naval, armas, estratégias de guerra ou onde se podem encontrar descrições de medalhas. Primeiro e antes de mais, eles contam histórias que abrem caminhos aos visitantes, chamando a sua atenção para os impactos da História, nas nossas sociedades, nas nossas atividades diárias.

O Museu Naval do Quebeque (Canadá) está localizado na cidade do Quebeque e a sua missão é preservar a herança material e imaterial da história naval do rio St. Lawrence, para que a sociedade não esqueça os impactos das guerras navais no Canadá. Isto implica realizar investigação etnológica e social *in situ* e entrevistar testemunhas de diferentes eventos.

Criar conceitos para as exposições é um processo de quatro etapas. Primeiro, apresenta-se o homem ou a mulher, testemunha do acontecimento, para que a audiência tenha oportunidade de identificar o ator real. Segundo, conta-se a história desta testemunha e da sua relação com o evento, ilustrando com um artefacto selecionado que tenha estado “presente” durante o acontecimento. Terceiro, tendo cativado a atenção do público, que pretende agora saber mais pormenores, apresenta-se o contexto em que se deu o evento: estratégias, forças envolvidas, etc. Por fim, relaciona-se esta história com o impacto que sabemos que o acontecimento teve nas nossas vidas e sociedade. É verdadeiramente interessante ver as expressões dos visitantes quando subitamente percebem que alguns aspetos do seu quotidiano estão ligados a acontecimentos históricos que desconheciam.

Esta teoria pode ser aplicada a qualquer tipo de museu. É importante compreender que os museus devem preservar e descrever não só os factos da história de uma sociedade, mas também os impactos de certos acontecimentos históricos no presente. Com isto esperamos que as pessoas se apercebam dos riscos de repetir velhos erros, que afetaram (e afetam) o seu ambiente, o seu país e até as suas vidas.

André Kirouac

Diretor do Museu Naval do Quebeque

NOTÍCIAS E EVENTOS

I WORKSHOP CONCHA: CRUZANDO MARES, ERGUENDO ILHAS, CONETANDO PESSOAS
Lisboa, 14 a 16 de novembro de 2018

Realiza-se na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da NOVA o primeiro encontro do projeto “CONCHA – The construction of early modern global cities and oceanic networks in the Atlantic: an approach via ocean’s cultural heritage”, que reúne os investigadores das instituições parceiras e todos aqueles que se interessem pelo tema para debater o estado da questão. A discussão centrar-se-á nas ocupações das ilhas atlânticas, entre os séculos XV e XVII, e na sua relação com as economias e as ecologias locais e regionais. O programa pode ser consultado aqui: www.adbrudgiasportum.ugent.be

PROJETO CONCHA – MISSÃO EM CABO VERDE

A equipa do projeto CONCHA esteve, entre julho e setembro, em Cabo Verde, na Ilha de Santiago, a fazer trabalhos de arqueologia subaquática, com verificação de sítios de naufrágios e escavações na Cidade Velha. Foram também feitos estudos das paisagens costeiras e das estruturas portuárias. Desenvolveram-se ainda ações de formação e capacitação local e atividades de educação e disseminação. Nesta missão estiveram envolvidos 10 arqueólogos e historiadores do CHAM – Centro de Humanidades, 3 arqueólogos da EVEHA – empresa francesa de estudos arqueológicos e 6 técnicos do IPC – Instituto do Património Cultural de Cabo Verde. Mais informações em: www.cham.fch.unl.pt/ext/concha/project.html



▲ Fotos: Ana Catarina Garcia.

CÁTEDRA DA UNESCO NA ANTENA 2

Em março de 2018 começaram as gravações de um ciclo de programas de rádio da Cátedra da UNESCO “O Património Cultural do Oceanos”. Foram gravados na Antena 2 treze programas com vários convidados, cada um dos quais cobrindo uma área da nossa Cátedra, como História, Biologia, Meio Ambiente, Museologia, entre outros. Os programas vão estar no ar no último trimestre de 2018.